



RESGATE ■ REDUÇÃO DO SUBSÍDIO DE DESEMPREGO TAMBÉM ESTÁ EM CIMA DA MESA

FMI vai mexer nas refor

■ Troika reúne hoje com o Governo e deverá propor que se acabe com os 13.º e 14.º meses dos

● EDUARDO DÁMASO/PEDRO H. GONÇALVES/SÓNIA TRIGUEIRÃO

O Fundo Monetário Internacional (FMI) quer que o Governo reduza ou elimine totalmente os subsídios de Natal e férias dos reformados. É uma poupança anual de 3233 milhões de euros se o Executivo aceitar acabar com os 13.º e 14.º meses.

Ao que o CM apurou, esta medida consta do pacote de austeridade que a troika irá colocar em cima da mesa hoje ao Governo e amanhã aos parceiros sociais. A estratégia, semelhante à adoptada na Grécia, passa também por cortar ou mesmo eliminar os subsídios de Natal e férias aos trabalhadores do sector público e privado. Na questão do subsídio de desemprego, os técnicos do FMI querem também que se reduza o período em que se beneficia do subsídio e o valor do mesmo.

Nas negociações, é tido como certo que o Executivo tem uma margem reduzida para negociar mas poderá insistir em reduções nos subsídios de Natal e férias dos trabalhadores e reformados, evitando a sua eliminação. No caso grego, o 13.º mês foi reduzido em 30% e o 14.º mês em 60%. Apenas as pensões sociais, que rondam os 250 euros, poderão escapar às medidas de austeridade.

Em termos orçamentais, cortar nos subsídios do sector público tem impacto na redução da despesa pública, ao passo que no privado reduz a contribuição fiscal para o Estado. Como o CM noticiou ontem, o FMI insistirá ainda na flexibilização laboral, particularmente a possibilidade de as empre-



Reduzido tempo do desemprego e corte no subsídio



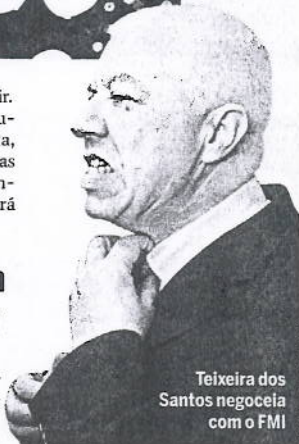
■ Os reformados vão ter de voltar a fazer mais contas à vida se perderem o subsídio de Natal e o de férias por causa do FMI

sas reduzirem os custos ao despedir. Anível de impostos, além da subida do IVA que é dada como certa, a tributação sobre os lucros das empresas deverá também aumentar. A subida das contribuições será alargada à Segurança Social. ■

Teixeira negocia em Washington

● O ministro das Finanças encontrou-se em Washington, nos EUA, com o director do Fundo Monetário Internacional (FMI), Domini-que Strauss-Kahn, à margem das reuniões de primavera deste organismo.

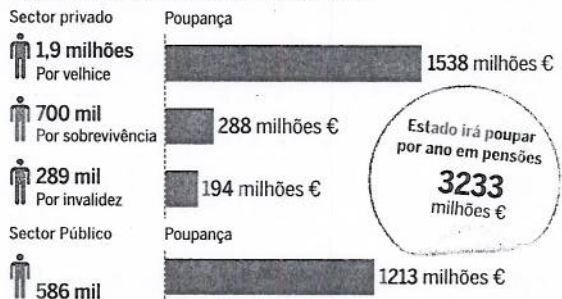
Teixeira dos Santos também se terá encontrado com o secretário do Tesouro dos EUA, Timothy Geithner, tendo apelado à cooperação para lidar com a "difícil" situação financeira do País e apoio para as negociações com o FMI. ■



Teixeira dos Santos negocia com o FMI

Acção do FMI

PENSÕES Corte nos subsídios de férias e de Natal



TRABALHO

Corte nos subsídios de desemprego



Fonte: CGA e Segurança Social/FINE/DGO

CORREIO DA MANHÃ

O director do FMI, Strauss-Kahn, considera que "é preciso que os europeus façam o seu trabalho", com soluções "mais abrangentes" para o problema da dívida soberana



O plano do FMI para apoiar Portugal tem um prazo maior do que a proposta da Comissão Europeia, logo, acarreta juros mais baixos, merecendo a preferência dos economistas

O ministro das Finanças da Eslováquia, Ivan Miklos, espera que Portugal seja o último país a precisar de ajuda e apelou aos partidos da oposição para chegarem a um consenso

mas

pensionistas

DISCURSO DIRECTO

JOÃO VIEIRA LOPES
Presidente da CCP

"Provoca desemprego"

Correio da Manhã – O que será discutido com a troika amanhã?

João Vieira Lopes – Ainda não se sabe se será uma reunião que incidirá na área económica ou na área laboral. O expectável é que sejam debatidas as duas.

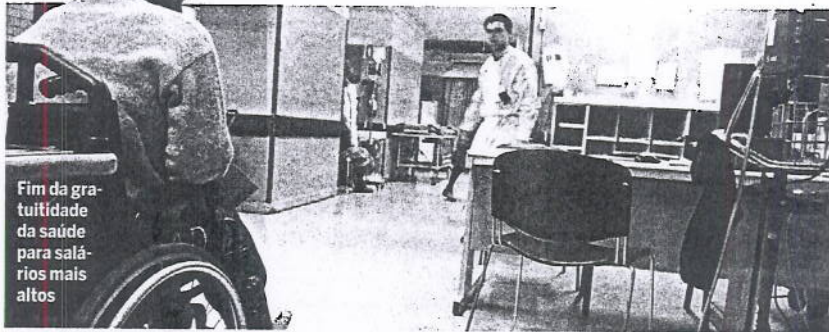
– E quais as medidas que vão apresentar?

– Queremos medidas de apoio ao desenvolvimento económico, que ajudem as PME a criar emprego. As medidas restritivas para equilibrar o défice não nos tiram da recessão.

– Como vê a possibilidade do fim dos 13.º e 14.º meses?

– É possível, em Portugal já pagámos o 13.º mês com certificados de aforro. Vai provocar ainda mais desemprego

porque as pessoas ficam sem dinheiro para consumir. ■ P.H.G.



Fim da gratuitidade da saúde para salários mais altos

Saúde vai ficar mais cara

■ O acesso aos cuidados de saúde, quando "cortar" é a palavra de ordem, vai ficar mais caro aos utentes. Ao que o CM apurou, sendo a saúde um sector com um peso preponderante para as contas do Estado, as medidas exigidas pelo FMI apontam no sentido de aumentar ainda

mais as taxas moderadoras e reduzir as comparticipações na compra dos medicamentos. Estas medidas são especialmente dirigidas aos utentes com os rendimentos mais elevados e aos que beneficiam dos regimes especiais, como é o caso da ADSE, o sistema de saúde dos funcionários

públicos, que vão ver também reduzidas as comparticipações de alguns tratamentos e exames médicos. O aumento das taxas moderadoras e o seu pagamento por desempregados, levado a cabo pelo Governo no início do ano, não é suficiente para diminuir a despesa.

Outra exigência que o FMI colocará a Portugal será a revisão dos contratos-programa com os hospitais de parceria público-privada, no sentido de obrigar a uma redução da massa salarial e dos gastos com os remédios antiretrovirais, biológicos e oncológicos. ■



João Almeida Lopes da Apifarma

Ajuda depende de rendimento

■ O presidente da Associação da Indústria Farmacêutica (Apifarma), João Almeida Lopes, defende que a comparticipação do Estado nos medicamentos seja feita consoante os rendimentos dos utentes. Ou seja, as pessoas com mais rendimentos devem receber menos apoio na compra de remédios. ■

NÚMEROS

86,1

A despesa do SNS teve até Março um decréscimo de 86,1 milhões. Contribuíram os cortes com o pessoal e nas comparticipações.

7,9

A receita desceu 7,9 milhões para a qual contribuíram redução da transferência do OE em 8,8 milhões de euros.

ANA RUTE CAVACO

Deixou o trabalho no Marketing para cuidar dos quatro filhos



■ Ana Rute Cavaco, ex-assistente de Marketing que está em casa há quatro anos, pertence ao grupo de mães que tinham horários exigentes e optaram por abandonar o trabalho para serem mães a tempo inteiro.

CARLA FONSECA

Gostava de voltar a trabalhar mas não sabe se há emprego



■ Carla Fonseca, ex-jornalista, 37 anos, em casa há dois anos. Grávida do terceiro filho, gostava de voltar a trabalhar, mas não sabe como será conciliar três crianças e uma profissão numa altura em que não há emprego.